

Lourdes Fonseca. "A Baixa de Lisboa é a zona que vai contar com mais fechos"



DANIELA SOARES FERREIRA
04/05/2021 08:24

© Mafalda Gomes

A pandemia atingiu comércio e serviços e, a nível nacional, Lisboa será, “sem dúvida”, a região mais afetada. A garantia é dada pela presidente da União de Associações de Comércio e Serviços, que faz um retrato preocupante da capital.

O desconfinamento foi sendo feito por fases, que perspetivas tem para esta última fase?

Felizmente este desconfinamento foi gradual e previamente anunciado. Era também nossa intenção vermos calmamente o desconfinamento para as empresas e o comércio e serviços em geral se prepararem e saberem aquilo com que podiam contar. Isso foi a novidade deste segundo desconfinamento e mostrou que está a correr bem, mesmo que quiséssemos que alguns estabelecimentos pudessem ter aberto mais cedo devido à crise em que mergulharam. Foram tempos muito difíceis e muitos estão completamente descapitalizados. Se no primeiro desconfinamento ainda havia algum fundo de maneo, neste não havia.

Este desconfinamento revelou-se prudente e a chegar ao objetivo que era ter toda a economia aberta. Foi também muito bom ver que os resultados epidémicos e de saúde – que é a primeira prioridade e que, no fundo, conduz tudo isto – acabam por estar a correr bem e levam a uma lufada de esperança para que a economia comece a funcionar, que comece a haver clientes nas lojas, que os serviços comecem a funcionar porque isto é tudo uma cadeia que está a ser penalizada. Temos que pensar também nos serviços que são prestados a essas empresas, estas micro e pequenas empresas que contam para a economia e que vão até à produção, que depois acaba por não ter escoamento. Isso leva a situações bastante críticas.

Os setores poderão finalmente começar a recuperar?

Na zona que representamos – Lisboa e Vale do Tejo – é evidente que há setores mais afetados que outros e há zonas de Lisboa mais afetadas que outras. Todas as zonas mais dependentes do turismo, como, inclusive, é a zona histórica da cidade e o centro da cidade, estão muito mais penalizados. Há uma esperança mas, de certa forma, alguma apreensão do que vai acontecer sem o número de turistas. Tem que haver um apelo ao consumo interno e à visita das pessoas à cidade de Lisboa e à zona histórica porque há ainda muito para descobrir, podendo até ser aliada uma visita de compras e cultura para poderem recuperar.

Depois, há setores mais penalizados. A moda ou o calçado, por exemplo, são mais penalizados do que bens de primeiro consumo, como é óbvio. A crise chegou a todos e chegou a todos de uma forma brutal mas há setores que vão ter mais dificuldade em reerguer-se. Têm que se redimensionar e nós, nos nossos associados já temos procura disso e já estamos a apoiar no sentido de se encontrarem soluções para reestruturação, para poderem conseguir sobreviver e conseguirem ter esta nova realidade diferente daquela que foi antes da pandemia.

Que soluções?

Há várias. Desde o nível do trabalho, a reestruturação dos horários dos trabalhadores... há várias soluções. Depende do tipo de empresa, do número de trabalhadores – há muitas variantes que entram em linha de conta com isso. Cada situação é uma situação e nós tentamos apoiar de acordo com o que são as expectativas e as vontades dos próprios empresários, que são muitas vezes divergentes.

É possível fazer contas às perdas que foram registadas desde o início da pandemia?

Estimamos – mas é uma estimativa nossa com base no apoio que demos durante toda este tempo a nível dos nossos associados – que 20%, 30% do tecido empresarial de micro, pequenas e até médias empresas na cidade de Lisboa possam estar afetadas. Algumas delas comprometidas inclusive com a reabertura. Há algumas que já não vão reabrir, se bem que aqui a percentagem é um bocadinho menor porque muitas delas têm expectativa de abrir e ver se conseguem sobreviver. A perda total acho que só vamos saber quando começar a reabertura total e vermos se se conseguem aguentar ou não.

Porque agora ainda continuam com algumas limitações.

Exatamente. Mas não temos dúvidas nenhuma que a cidade de Lisboa vai ser a cidade mais afetada em termos económicos e em termos de recuperação das empresas.

Pela dimensão...

Pela dimensão, porque é a capital, e depois pelo fenómeno que é de pessoas que vinham trabalhar para Lisboa que, neste momento, a grande maioria está em teletrabalho. Ora, estando em teletrabalho também não há a circulação que é necessária para que haja consumo. Sem dúvida nenhuma que aí, a cidade de Lisboa está a ser mais afetada. Se passarmos em algumas ruas, mesmo já nesta fase em que não está totalmente tudo aberto, vemos algumas lojas que de certeza já não vão abrir. Mesmo que isso ainda não esteja completamente definido ou que ainda não se saiba se vão fechar completamente – porque não há dados para isso – mas vemos que já não reabrem. Isso é notório pela cidade.

Alguma vez pensou que o país passasse por uma crise destas? Há quem a compare a uma guerra...

De certa forma, se falarmos em termos de guerra, é quase uma guerra biológica, se pensarmos bem. Acho que ninguém pensava numa situação destas. O ano passado estava a começar muitíssimo bem, acima daquilo que era normal em janeiro e fevereiro que normalmente, para comércio e serviços, são meses fracos. Vêm a seguir a um período de grandes compras e grande consumo que é o Natal. Há sempre uma ligeira descida depois mas no ano passado não.

O ano começou bem e talvez por aí alguns dos empresários se tivessem aguentado dado que esses dois meses foram mais benéficos que o normal. Mas a verdade é que ninguém pensava. Estávamos com uma dinâmica em termos económicos muitíssimo boa aqui na cidade de Lisboa e em termos de turismo estávamos com uma notoriedade muito acima da média. Estávamos a captar os mercados mais impactantes em termos de consumo e em termos de compras, em termos de valor de compra por pessoa... isso dava uma expectativa a todos os empresários completamente diferente daquilo que foi a realidade do último ano. Num ano, praticamente seis meses são fechados...

E os apoios do Governo não foram suficientes?

As intenções foram muito boas mas não foram suficientes por várias razões. Primeiro porque foram muito burocráticas, muito complexas. Todo o processo de candidaturas foi muito complexo. Por outro lado, eram anunciadas medidas que não eram logo abertas e quando se começavam a candidatar, havia ainda pagamentos pendentes. Quando se chega ao fim de um mês para pagar ordenados, para pagar Segurança Social, rendas... E as rendas foram uma parte muito importante. O mercado arrendatário estava muitíssimo alto em Lisboa e o apoio para a renda só começou a existir este ano e só abriu praticamente no início de março. Foi claramente insuficiente.

A Câmara de Lisboa também ajudou.

Houve por parte da Câmara uma iniciativa – o Lisboa Protege, que nós também colaborámos na sua génese –, que foi mais rápido e que foi uma lufada de ar fresco para os empresários do comércio na cidade. Foi muito mais rápido que os apoios governamentais e podia ser cumulativo. Foi uma boa iniciativa e um grande esforço da Câmara em apoiar a cidade e o comércio e economia. Foi a fundo perdido, por isso ainda melhor. Era aquilo que era reclamado a nível central por todo o país.

Mas da parte do Governo faltavam apoios mais estruturais. Estavam bem desenhados. O Apoiar estava bem desenhado, o apoio à renda estava bem desenhado... Só que entre o anúncio e a concretização... Por exemplo, o primeiro anúncio do Apoiar foi, salvo erro, a 8 de dezembro e começou a ter efeitos em fevereiro. Depois fechou e só reabriu passado um mês e meio. E as contas das empresas não se compadecem de aberturas e de fechos, desta instabilidade. A instabilidade de estar fechado e não saber quanto tempo vai estar fechado e o que é que vai fazer. Mas tem que pagar as contas porque se não as pagar não consegue sequer concorrer aos apoios.

É dramático. E estamos a falar de vidas, de pessoas, de famílias. Não podemos esquecer que o nosso tecido empresarial é, maioritariamente, constituído por micro e pequenas empresas, muitas empresas familiares. Mesmo os empregados que têm são praticamente da família, são empregados de longa duração, que estão há muito tempo. Temos uma faixa etária bastante elevada, o que depois tem implicações. Tudo isto leva a situações dramáticas de incerteza, de angústia e de quase não saber o que é que se há de fazer.

Chegam à UACS muitos pedidos de ajuda desesperantes?

Chegam. Muitos mesmo. Alguns até quase sociais. Pessoas, pequenos empresários às vezes já com alguma idade que tinham estabelecimentos até pequenos mas que eram complementos de reforma. Não posso concretizar mas chegaram muitas situações de desespero. Tivemos sempre o apoio, linhas abertas para os nossos associados. E nesta fase achámos que também deveríamos dar algum apoio a não associados, apesar de a nossa prioridade serem os nossos associados. Muitas vezes, o Governo está um bocadinho mais longe dessa realidade e nós estamos mais próximos, estamos no terreno. Tivemos a preocupação de sermos uma força de alerta na prática. Damos propostas concretas. Algumas foram aceites, outras não, como é natural. Sobretudo tentar que houvesse uma noção da parte do Governo do que é que se passava e o que é que as pessoas sentiam.

Estes problemas económicos são desesperantes e podem trazer outros problemas consigo...

Também. Nós temos uma empresa, temos concorrência, sabemos o que é a concorrência e temos ideias. Se não vamos por um caminho vamos por outro... Mas neste caso não há caminho possível. É estar parado e pensar 'o que é que eu vou fazer?', 'o que é que posso fazer?', 'o que vou fazer a seguir?'... E aquilo que nos aparece é uma parede à frente. Em branco, sem nada. Isso é desesperante do ponto de vista comercial. E do ponto de vista pessoal é dramático. É óbvio que, em termos psicológicos, acho que isto abalou toda a população em geral, não só os empresários.

Foram alterações profundas naquilo que é a nossa cultura, naquilo que são os nossos hábitos, a nossa vida e as nossas rotinas diárias. E agora ainda não estamos a adquirir as novas rotinas. Pouco a pouco é que vamos ver quais são as nossas rotinas e até onde é que isto nos leva. Com esperança, como é óbvio. A esperança que não haja mais uma vaga, que não haja mais uma estirpe como já está a acontecer na Índia e que nos mate as esperanças novamente. Mas somos um povo resiliente com uma capacidade de adaptação muitíssimo grande e também com um espírito muito otimista e de muita esperança. Mesmo no meio do desespero.

Leia o artigo na íntegra na edição impressa do jornal i. Agora também pode receber o i em sua casa. [Saiba como aqui.](#)

Zoom**Lourdes Fonseca****União de Associações de Comércio e Serviços****pandemia****entrevista****comércio**

https://ionline.sapo.pt/artigo/733437/lourdes-fonseca-a-baixa-de-lisboa-e-a-zona-que-vai-contar-com-mais-fechos?seccao=Portugal_i